

CRÍTICA FILME | RESIDENT EVIL

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ao sair, aperte a tecla
'Continue' para pedir bis

Nem adianta procurar Alice, pistoleira que ampliou a popularidade de Milla Jovovich nas telas, na nova transposição de "Resident Evil" para os cinemas que será inútil. Também não cate os resquícios estéticos de Paul W. S. Anderson, diretor responsável por fazer do jogo uma franquia cinéfila das mais rentáveis, em 2002. O regresso, com orçamento estimado em US\$ 80 milhões, da saga, repaginada sob a grife autoral do cineasta Zach Cregger (da mina de ouro "A Hora do Mal"), corresponde a um verbo do jargão gamer: "zerar". Zeram-se as certezas. Fica o medo.

E dá arrepio paca, ver um entregador Bryan (Austin Abrams), fugindo por corredores de neve tão sinistros quanto os do hotel de "O Iluminado" (1980) para se salvar de pessoas que mordem e matam a dentadas. No "matam", ponha aspas, pois se trata de um zombie movie, um filão que tem como pai a alegoria política "A Noite dos Mortos-Vivos" (1968), de George A. Romero (1940-



Austin Abrams corre para sobreviver na inflamável nova (e politizada) versão de 'Resident Evil'

2017). O acerto maior de Cregger foi abrir brechas para que seu thriller de horror (e é de horrorizar mesmo) se politize, no olhar das mais variadas plateias.

Lançado originalmente no Japão como "Biohazard", em 22 de março de 1996, e celebrado no PlayStation, o primeiro "Re-

sident Evil" nasceu na desenvolvedora Capcom, pelas mãos de Shinji Mikami, a partir de uma encomenda do veterano mestre de games Tokuro Fujiwara. A ideia era ter um passatempo eletrônico sintonizado com a linha survival horror (narrativa horrífica de sobrevivência), na qual um perso-

nagem de arma em punho explorasse espaços ameaçadores como se fossem quebra-cabeças, numa permanente sensação de vulnerabilidade. Zumbis são o perigo. A saga com Milla, aberta por Anderson seguia uma narrativa épica padrão: Alice é a redentora que vai dar fim à Umbrella, empresa

que produziu um mar de defuntos canibais.

Apoiado na direção de fotografia nevrálgica de Dariusz Wolski (de "Piratas do Caribe" e "Perdido em Marte"), Cregger muda o eixo de narrar, larga qualquer tons de épica e investe em um suspense quase em tempo real no qual um zé-ninguém, o já citado Bryan, sem uma gotícula de heroísmo sequer na medula, foge, ao deus-dará, de predadores que o caçam sem motivo e só duram por durar... sem objetivo quem não comer.

É a alegoria perfeita para uma América que, nas mãos de Trump, hoje parece perdida, mas ainda selvagem e expansionista... como os zumbis da Umbrella, crias do capitalismo torto que só almejam tomar espaços. A falta de lastro dos EUA se materializa, no cinema, na falência do filão "super-herói", mesmo com a recente rentabilidade bilionária do último Homem-Aranha. A mitologia oferecida por videogames parece ser o nicho da vez. É hora de devorá-la, ainda que para espirrar sangue, num exercício de filme de gênero de destrezas técnicas notáveis.

CRÍTICA FILME | NO LIMITE DA JUSTIÇA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Quase bons companheiros

Aparelhos ideológicos de vigília da correção política tornaram o cinema de ação uma sucata, a sobreviver dos músculos de Jason Statham, da cavalaria de Liam Neeson e do avatar Keanu Reeves. Quando se fala em filmes que abordam conflitos de gênese colonial (sobre racismo) e que não sejam calçados em tratados do Presente, o politicamente correto é igualmente feroz, vide o desmanche de que "Detroit Em Rebelião" (2017), de Kathryn Bigelow foi alvo.

Diante de um cenário muitos interditos, a coragem para se tirar um filme (vibrante) como "No Limite Da Justiça" ("By Any Means") do papel é louvável. Louva-se em especial seu prazer em dialogar com códigos de incorreção moral

na direção meticulosa do cineasta Elegance Bratton ("The Inspection"). Ele fez um espetáculo de adrenalina que se veste de thriller social, à maneira de "O Calor da Noite" (1967), mas encontra sua pulsação nas cartilhas da exploitation (termo que se emprega para produções B, de gênero, explorando filões como o vigilantismo de populações pretas, o levante de mulheres armadas, combates de canteiras de base asiática). É um "Shaf" com o ethos do "Mississippi Em Chamas" (1988) de Alan Parker (1944-2020), em sua recriação das práticas racistas dos EUA dos anos 1960, ligadas ao extremismo da Ku Klux Klan. Inspirado em episódios reais, revisitados pela pena do roteirista Sascha Penn, essa narrativa



Mark Wahlberg vive Gregory Scarpa com ares de Stallone Cobra

febril narra o que mudou na vida do agente do FBI Wayne Strider (Yahya Abdul-Mateen II), alvo

recorrente da intolerância branca, ao receber como parceiro Gregory Scarpa (1928-1994), um matador

da máfia que batia ponto entre os federais para aliviar sua barra de criminoso. Mark Wahlberg interpreta tal figura com um jeitão de Stallone Cobra delicioso, esbanjando testosterona e ódio pelo sistema e suas imperfeições. Eles se unem na investigação do assassinato do político Vernon Dhamer (Giancarlo Esposito). Na melhor lógica do "tira bom/ tira mau", Strider segue a ordem e acredita na palavra. Scarpa reza pelo credo da pólvora e abençoa seus desafetos com o toque de seu taco de beisebol. Regados pela partitura elegíaca e incendiária de Terence Blanchard, numa trilha sonora de embatucar tímpanos, "By Any Means" questiona até onde a legalidade pode oferecer caminho quando as próprias instituições se mostram incapazes de proteger aqueles que deveriam defender. Esse questionamento inflamável se constrói num eixo político, mas com carga de espetáculo. (R. F.)